A Morte II

Cristiano Melo

Na escuridão do quarto solitário
Descreve o inominável.

Ânsia de ser ouvido,
Com a voz embargada,
Grunhido estampido,
Cigarra entalada!

Alguém para lhe estender a mão?
Um ombro para recostar a cabeça?
Colo para desabafar baixinho?
Esmorece que o tempo não deixa de cortar.

Desejo,
Querência,
Sentimento.
Tempo!

Do que se deixou de ser
Ao que se vê no espelho:
Farrapos de um ser
Que não sobrepesou com olhos críticos o mundo...

Resta algo a dizer,
Sempre há.

Não vá,
Fica!

Mas o querer não intercede,
E se vão os anos nos vincos da face.
Nos dentes que caem,
Dos cabelos rarefeitos.

E eis que mais um ser
De uma amargura contida,
Não sabe se reconhecer
Da própria janela de sua alma.

Amanhece,
A luz retorna,
E denuncia:
Jaz um corpo estendido ao chão.

Ser não ser,
Não foi e não será,
As asas da esperança
Simplesmente apagaram seu brilho.

E, num traço roto,
Foi-se.

Cristiano Melo, 08 de Outubro de 2008.

Obra original disponível em:
<http://www.overmundo.com.br/banco/a-morte-ii-1>